

## Introdução

Numa área carente da Zona Sul do Rio de Janeiro, uma congregação batista, em seu segundo ano de atividades, deu início a uma creche que funcionaria durante a semana. Seu objetivo: participar na vida comunitária e suprir algumas de suas necessidades. Porém, após oito anos de funcionamento, decidiu-se em assembléia (sistema pelo qual as igrejas batistas são administradas) pelo fechamento da creche. As causas econômicas, que formavam o cerne da justificativa, apenas dissimulavam diferenças significativas na congregação quanto à teologia e à vida cristã.

De fato, nas disputas, que se estenderam por dois anos, os membros da Igreja estiveram claramente divididos e tornaram manifestas algumas divergências latentes no modo como idealizavam a prática cristã. Um grupo tentava provar que, além de ser economicamente viável, a creche “abençoaria” a comunidade (crianças e famílias). O outro grupo considerava a creche um fardo cuja manutenção era muito dispendiosa, intensiva em mão-de-obra, além de não apresentar resultados evangelísticos significativos.

Para o primeiro grupo, a Igreja ganhava com os recursos arrecadados para o funcionamento da creche (benfeitorias no patrimônio, entre outros), além de aprimorar-se com a chegada de novos membros, atraídos pela visibilidade do trabalho social na comunidade. No período em que a creche funcionou, esses cristãos empenhavam-se nos trabalhos de cunho social, mas demonstraram uma vida religiosa com mínima abertura para o transcendente, tanto que pouco participavam das atividades eclesiais, exceto as diretamente relacionadas à administração da Igreja. Militavam – e o faziam com muita dedicação – pela canalização das energias da Igreja rumo a uma maior ação social na comunidade, em princípio, por meio da creche.

Os integrantes do outro grupo, que as disputas permitiram reconhecer, afirmavam que os custos financeiros para a manutenção da creche eram muito altos e colocariam em risco o patrimônio e os escassos recursos da Igreja caso os patrocinadores não honrassem o compromisso de sustentar a atividade. Consideravam, ademais, que a creche, pela quantidade de trabalho que demandava

daqueles com ela envolvidos, ‘sugava’ as energias da Igreja a ponto de esta não crescer espiritual ou numericamente. Conforme um dos membros chegou a declarar em assembléia, a creche contribuía para fazer “*adoecer a membesia*”.

Comparados aos primeiros, os integrantes do segundo grupo pareciam viver uma espiritualidade completamente desvinculada da realidade. Percebiam-se como cristãos que criam na interferência do sobrenatural em suas vidas, pelo que se dedicavam à contemplação e orações. “Místicos”, na acepção da palavra, por sua atenção aos mistérios da religião, buscavam comunicar-se e unir-se diretamente com o divino, sem se envolver na vida diária concreta do próximo com seus problemas e suas conseqüências. Não se tratava de indiferença ou insensibilidade para com o vizinho, mas da crença de que é divino o poder para mudar a situação no qual se encontram: “Deus pode fazê-lo independentemente da ajuda do ser humano, pois ele é Deus.”

O caso acima descrito, vivenciado pela autora, não é excepcional. Pelo contrário, pode-se dizer que constitui a regra e, numa primeira análise, ajuda a exemplificar uma situação vivida na Igreja Batista Brasileira nos dias atuais. Em última instância, permite reconhecer reflexos de uma questão que vem desde o início do cristianismo e cuja origem lhe é anterior, como assinalam alguns autores, entre eles, García Rubio.<sup>1</sup>

A História Cristã permite identificar duas concepções dominantes quanto à prática de vida. A primeira, mística, mais contemplativa, sensível aos valores espirituais e dimensões transcendentais, é geralmente criticada por estar alienada das questões sociais. A outra, de estilo ativo, enfatiza o compromisso com a História, a militância social e política, a “*práxis*” libertadora, na qual o que importa é a vida aqui e agora. Na primeira concepção, a vida terrena, por ser passageira, é desvalorizada, o alvo é a pátria celeste; na segunda, é a vida de contemplação e oração que se menospreza.<sup>2</sup> As duas concepções são excludentes e demarcam dois extremos da prática religiosa. Configuram a essência do dualismo cristão, no qual é necessário escolher e posicionar-se entre duas

---

<sup>1</sup> RUBIO, A.G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, ed. SISTEMÁTICA, C.T., 3a. rev. e ampl. ed., Homem (Teologia cristã) (São Paulo: Paulus, 2001). p. 97.

<sup>2</sup> GALILEA, S. *Espiritualidade da libertação*, trans. PINHEIRO, E. (Petrópolis: Editora Vozes, 1975). p.7-14.

alternativas: a vida de devoção a Deus ou a disposição em realizar a ação social aos servos de Deus.

Com base em García Rubio, Dussel,<sup>3</sup> entre outros autores, pode-se afirmar não ser difícil perceber nas correntes dualistas a existência de uma estrutura mental de oposição-exclusão,<sup>4</sup> que varia quanto ao radicalismo de sua formulação, entre “*corpo*” e “*alma*” e/ou outras dimensões constitutivas do ser humano tais como: razão *versus* afeto, pessoal-individual *versus* social-político, vida de devoção *versus* ação social, fé *versus* obra.

Tais distinções não acontecem sem efeitos. No plano coletivo, dificultam a articulação, geram tensões entre os indivíduos e repercutem dentro da Igreja, por atrapalhar o crescimento e amadurecimento do grupo.<sup>5</sup> Individualmente, o dualismo pode levar à perda da fé e a ausência da salvação e, portanto, constitui grave problema para a pastoral. Sua superação demanda adequada ação evangelizadora, que leve em conta o ser humano em todas as suas dimensões e contribua para a realização do indivíduo em todos os aspectos da sua existência: uma visão integrada do ser humano que ajude à Igreja na concretização da salvação-libertação integral do homem e do meio em que vive.

O trabalho aqui proposto procura, primeiramente, reconhecer os elementos do dualismo na Igreja Batista Brasileira, isto é, mostrar, de modo preliminar, como esse encontra-se presente na prática e na doutrina batistas. Estudos que se dedicassem exclusivamente a compreender os modos como se enraízam elementos não cristãos na prática cristã<sup>6</sup> seriam, em si, de grande importância para instruir estratégias pastorais comprometidas com transformação individual e coletiva, social e política, secular e religiosa. Porém, apresenta-se aqui o panorama do dualismo no meio Batista apenas para exemplificar um campo necessitado de transformação.

O foco do trabalho consiste na investigação do pensamento e vida de Dietrich Bonhoeffer e do modo como podem iluminar a prática e, em particular, o trabalho evangelizador dos Batistas brasileiros. Busca-se discutir o modo de

---

<sup>3</sup>DUSSEL, E.D. *El Dualismo en la Antropología de la Cristandad* (Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1974). p. 252-288.

<sup>4</sup> RUBIO, A.G. *Nova Evangelização e maturidade afetiva*, ed. LATINO-AMERICANOS, E. E. D., 2a. ed. (São Paulo: Paulinas, 1993). p. 25.

<sup>5</sup> RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 95-113.

<sup>6</sup> Como o do Dussel, o de García Rubio entre outros.

efetivar uma abordagem cristã de base bíblica e relevância teológica que apresente a pessoa de Jesus mediante uma visão integrada de devoção e ação, de mística e militância pelo Reino, no mundo. Especificamente, busca-se ver em que o autor e sua obra poderiam contribuir para os que ainda hoje confundem fidelidade ao Deus encarnado e a missão universal, com lealdade inquestionável ao país e ao governo constituído. A história de Bonhoeffer incentiva uma forte resistência a essa confusão entre fidelidade e servilismo. O exemplo de vida mística conjugada com uma militância real, extraída das cartas e anotações contidas no livro *Resistência e submissão*, ajuda a evitar toda a redução mutiladora, que empobrece o conteúdo da libertação cristã.

Pretende-se, assim, somar com outros esforços que se têm preocupado em chamar a atenção dos cristãos hodiernos para o fato de que mística e militância fazem parte do discipulado de Jesus e resultam numa vida plena em Cristo e numa vivência capaz de transformar vidas e sociedades.

A escolha do título do trabalho, *Uma Mística Militante: reflexão sobre as possíveis contribuições de Dietrich Bonhoeffer para uma teologia e pastoral de integração na Igreja Batista brasileira*, pretende, portanto, realçar, por um lado, a importância da oração comprometida com a prática da justiça e do amor e, por outro, a necessidade do “*atrelamento da ação a Jesus Cristo*”<sup>7</sup> por meio de quem o “*trabalho pode ser começado e terminado*.”<sup>8</sup> Para haver transformação, o que a experiência e os escritos de Bonhoeffer ensinam é que se deve agir, simultaneamente, nas duas dimensões.

A teologia sempre buscou aprofundar a compreensão e o relacionamento entre o Criador e a criatura. A influência do dualismo no Ocidente, nas suas diversas formas, contribuiu para distanciar e dificultar esse relacionamento. Como superar essa influência e suas conseqüências desastrosas, que dificultam a articulação entre espiritualidade e corporeidade, entre devoção e ação social, entre mística e militância? Evidenciar o dualismo que se encontra enraizado e naturalizado na prática cristã ajuda a reconhecer obstáculos e orientar o esforço teológico na caminhada da valorização da beleza da complexidade do ser humano

---

<sup>7</sup> BONHOEFFER, D. *Ética*, ed. SISTEMÁTICA, T., trans. MICHEL, H., 6a. ed., *Ética Teológica* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002; reprint, Eberhard BETHGE). p. 29.

<sup>8</sup> BONHOEFFER, D. *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*, trans. SCHNEIDER, N. (São Leopoldo: Sinodal, 2003). p. 507-508.

e da vida cristã. Essa crítica deveria ser acompanhada por estudos sobre a prática cristã, que permitissem trazer elementos da experiência para iluminar maneiras renovadas de agir.

O teólogo com qual se dialogará concorda que só é possível superar o dualismo – e o reducionismo que essa concepção opera nas possibilidades da ação evangelizadora –, tendo como ponto de partida a própria pessoa de Jesus, exemplo e modelo de pessoa dedicada à oração e comprometida com a transformação. Ao mesmo tempo, a vida que o teólogo viveu, exemplifica e permite pensar formas de realizar a experiência de Cristo na realidade concreta dos indivíduos comuns. O interessante e a atualidade de Bonhoeffer é que ele aponta caminhos para uma vivência cristã capaz de transformar indivíduos e suas relações eclesiais e comunitárias e expõe elementos para capacitar os cristãos contemporâneos a darem respostas convincentes e lúcidas aos problemas éticos, morais, políticos e sociais emergentes.

De dentro de uma cela carcerária apertada, em Berlim, vem uma luz que ajuda a iluminar a caminhada cristã hoje, século XXI, e mostra à Igreja que, quando se está fundado num relacionamento sincero com Deus, é possível pregar e viver com alegria, em meio a riscos e problemas. O exemplo de Bonhoeffer mostra que a felicidade, a satisfação pessoal e, principalmente, a vida em plenitude dependem de que a pessoa e seus problemas sejam vistos como um todo. De 04 de abril de 1943, dia de sua prisão, até a madrugada de 09 de abril de 1945, quando foi executado, pode vir a inspiração para crentes do século XXI. As orações de um preso alegre que, por acreditar na possibilidade da vitória contra o pecado, conspirou contra o regime vigente a favor do ser humano, são elementos de um exemplo real e prático, de um testemunho vivido até a morte. As cartas da prisão permitem ouvir um homem que fala de Deus e um Deus que fala ao mundo.<sup>9</sup>

A pesquisa se deu através de fontes bibliográficas, analisadas a partir da seguinte questão: de que modos a experiência e os ensinamentos de Bonhoeffer contribuiriam para a superação do dualismo cristão que se pode constatar pela oposição entre a mística e a militância social no meio Batista brasileiro?

---

<sup>9</sup> BONHOEFFER, D. *Resistência e Submissão*, ed. HUMANISMO, E. E., trans. BERNHOEFT, E. J. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968).

Seguiu-se o método de trabalho VER-JULGAR-AGIR. Para a primeira seção do primeiro capítulo utilizaram-se obras variadas de teologia, filosofia e história, privilegiando-se, na questão relativa ao dualismo, o livro *Unidade na Pluralidade*, de García Rubio. As obras que serviram de base para a pesquisa sobre o pensamento de Bonhoeffer, autor escolhido, foram: *Vida em Comunhão*, *Discipulado* e em especial *Resistência e Submissão*. O trabalho com esse material não excluiu o recurso a outros trabalhos do autor, inclusive fragmentos de seus textos ou cartas publicadas após sua morte.<sup>10</sup> Num plano secundário, lançou-se mão de outros autores que tratam da temática do dualismo e em especial das relações entre a devoção e ação ou, nos termos aqui sintetizados, entre mística e militância. Em relação à vida de Bonhoeffer, privilegiou-se – embora não tenha sido a única fonte – a biografia escrita por seu amigo Eberhard Berthge.

Ainda que o objetivo do trabalho não seja o de fazer um profundo estudo da teologia de Bonhoeffer, nem de fixar uma biografia geral sua, a fim de relacionar a vida de devoção e a ação política e social do autor procurou-se traçar-lhe um perfil cronológico. Pelo mesmo motivo tratou-se, de forma brevíssima, das suas obras.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado **Dicotomia entre espiritualidade e prática cristã na Igreja Batista Brasileira**, correspondente ao VER, está subdividido em duas seções. Primeiramente, a penetração dualista no cristianismo. Nessa parte, de forma brevíssima, busca-se recuperar a história do dualismo para ver alguns dos modos pelos quais a fé cristã foi e tem sido por ele influenciada. Também se discute como a incorporação do dualismo à cultura ocidental se reflete na vida da Igreja cristã e acarreta resultados desastrosos para a ação evangelizadora quando esta não consegue efetivar-se a partir da integração entre fé e prática.

Na segunda seção desse primeiro capítulo trata-se da formação do pensamento e da doutrina no protestantismo batista brasileiro, do fundamentalismo protestante e Batista. Para tal elaborou-se uma breve história dos batistas e sua chegada ao Brasil, bem como da pedagogia Batista. Analisam-se duas alegorias empregadas na evangelização, que ajudaram a sedimentar o

---

<sup>10</sup> BONHOEFFER, D. e WEDEMEYER, M.V. *Cartas de amor desde la prisión*, in *Cartas de amor desde la prisión*, ed. BISMARCK, R.-A.V. e KABITZ, U. (Madrid: Editorial Trota, 1998).

dualismo. O capítulo encerra-se com uma discussão sobre um movimento de reação: o Evangelho Social e a Missão Integral, tentativas de integrar ação social e vida de devoção na Igreja Batista.

O segundo capítulo, **Dietrich Bonhoeffer e a vivência integral da fé**, corresponde ao movimento JULGAR, do método de trabalho. Através da análise da produção intelectual e vida deste autor (antecedentes familiares, infância, formação teológica, vivência eclesiástica, atuação política, prisão, etc), em especial a relação entre ação e oração, busca-se apresentar uma maneira concreta de articular a espiritualidade à vida prática. Dentre vários pontos que afloraram da análise, cinco foram recuperados, no capítulo seguinte, a fim de servir para a elaboração de uma teologia e pastoral em vista da superação do dualismo: 1) presença e inserção no mundo, 2) amor a Deus e amor ao próximo, 3) a Igreja como Comunidade, 4) a visão ecumênica e 5) a dimensão ética da fé/ o agir responsável.

O terceiro capítulo, **Bonhoeffer e as possibilidades da Igreja Batista no Brasil**, trata das pistas pastorais decorrentes das reflexões trabalhadas nos dois capítulos anteriores. No método utilizado refere-se ao AGIR. O capítulo foi organizado em três seções, a última delas subdividida para enfatizar as cinco pistas levantadas a partir das obras e vida de Bonhoeffer. Na primeira seção, *A Igreja Batista e o contexto sócio-político: responsabilidade social, profética e evangelizadora*, são discutidos os dois perigos que a Igreja na atualidade corre, como também aconteceu na época de Bonhoeffer: o perigo de se aliar ao poder constituído para dele se beneficiar e o de não questionar o governo e as instâncias superiores, como se emanados de Deus. A seção *A missão integral da Igreja Batista hoje no Brasil*, procura trazer à memória o ministério de Jesus Cristo, que não foi apenas perdão de pecados, mas de transformação da vida e da situação dos que se aproximaram dele desejosos dessa mudança. Na terceira seção, *A Igreja Batista no Brasil: Algumas pistas para uma teologia e pastoral de integração*, novamente reforça-se o exemplo de Jesus como fundamento para o combate de todo o tipo de dualismo: o Filho de Deus se fez *carne* para servir à humanidade e anunciar a chegada do Reino de Deus. A seção sinaliza, também, o importante papel da teologia nesta tarefa e recupera os cinco pontos, acima referidos, que a Igreja tem que trilhar para combater o dualismo entre ação e oração. Numa hora de desafios – sociais, morais, políticos entre outros – como os que se enfrentam no

Brasil, hoje, os pontos salientados podem contribuir para uma postura mais coerente da Igreja Batista e abrem a possibilidade de realizar algo significativo em prol do Reino de Deus.

A guisa de conclusão, foram reunidas as ponderações levantadas e elaborados comentários sobre a confirmação das hipóteses e questionamentos propostos no início da pesquisa. Pela sólida fundamentação bíblica, teológica e filosófica de Bonhoeffer e pela relação evidente e intensa entre ação política e reflexão teológica que demonstrou, sua vida e obra permitem constituir material importante para iluminar, no Brasil Batista, uma teologia e pastoral que integre a mística e a militância, e que constitua uma ação evangelizadora que leve em conta as dimensões: corpo, alma, razão, fé, opções sociopolíticas, igreja, mundo, vida celeste e terrena, afeto, amor, sexualidade, vida comunitária.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 107-113.